

Em um mundo cada vez mais digital, o setor de saúde (tanto pública quanto privada) segue sendo analógico. A utilização cada vez mais frequente de Tecnologia da Informação (TI) nos mais diversos segmentos não é tendência, mas realidade. Na saúde, contudo, o emprego de TI ainda está engatinhando e a chamada eHealth é apenas especulação sobre o futuro.

Uma [pesquisa feita pela CIONet](#), a maior comunidade de executivos do setor de tecnologia da Europa, aponta que a eHealth deve se tornar realidade nos próximos 10 anos, atingindo 75% dos pacientes e profissionais de saúde ao redor do mundo.

A mudança seria bem-vinda. Hoje, mesmo o prontuário dos pacientes continua sendo arquivado em papel. E quando o registro é eletrônico, os dados não são compartilhados entre médicos e pacientes, muito menos entre instituições de saúde (como clínicas e hospitais). O que evitaria gastos adicionais com exames já realizados, por exemplo, e resultaria em ganhos de eficiência na gestão de processos, na contenção de desperdícios e, mais importante, na qualidade do atendimento ao paciente.

A adoção de um Prontuário Eletrônico do Paciente (PEP), primeiro passo para a incorporação de TI na saúde, já foi analisada pelo IESS. Segundo o TD “[Prontuário Eletrônico do Paciente e os benefícios para o avanço da saúde](#)”, a criação do Cartão Nacional de Saúde pelo Ministério da Saúde brasileiro é a iniciativa que mais se aproxima da implementação de um registro eletrônico nacional para usuários do Sistema Único de Saúde. Em São Paulo, o governo do Estado investiu R\$ 56 milhões para que os pacientes pudessem ter acesso aos exames clínicos e laboratoriais via internet, um primeiro passo de uma longa jornada para a implementação plena de um sistema mais amplo. No Brasil, entre 5% e 9% dos hospitais já adotam o PEP desde 2010, mas o utilizam de forma isolada, sem comunicação entre os diversos elos da cadeia de saúde. A troca de informações entre estabelecimentos, no entanto, ainda é insuficiente para integrar o atendimento aos pacientes.

Nos EUA, por exemplo, a implementação do PEP a nível nacional tem sido considerada como política de governo desde 2011 e o investimento já chega a US\$ 20 bilhões. O sistema norte-americano detém as seguintes informações: de consultas do paciente (dados da enfermidade e medicação receitada), informações para os medicamentos e gestão de resultado de exames. Como resultado, de 2001 a 2013, aumentou de 18% para 78% o total de médicos norte-americanos que utilizam algum tipo de PEP em seus consultórios.

O TD lista as vantagens e desvantagens da implementação do Prontuário:

VANTAGENS E DESVANTAGENS DO PEP

VANTAGENS	DESVANTAGENS
Redução do Tempo de atendimento e custos	Manutenção dos prontuários em papel para fins jurídicos, em virtude da indefinição legal dos documentos eletrônicos
Eliminação da redundância na demanda de exames	Necessidade de grande investimento em hardware, software e treinamento
Não está encerrado em um território físico (pode ser acessado remotamente)	Resistência a mudanças nos estabelecimentos de saúde
Possibilidade de reconstrução histórica e completa dos casos acerca dos pacientes, registros médicos, tratamentos, laudos, etc.	Demora na sua implementação
Contribuição para a pesquisa em saúde	Falhas não esperadas da tecnologia
Fim do problema de compreensão das letras escritas à mão	Falha do sistema de energia elétrica que tira o sistema "do ar"
Facilidade na organização e no acesso às informações	
Racionalidade do espaço de arquivamento de grandes quantidades de documentos	
Facilita a comunicação entre o paciente e a equipe de saúde	

Fonte: [IESS](#), em 19.04.2016.